

A importância do encontro prévio para a produção de documentários de cunho social

Thífani Postali*

Resumo: O trabalho tem como objetivo apresentar a importância do encontro prévio entre documentaristas e atores sociais para a realização de filmes documentários. Para tanto, faz uso de levantamento bibliográfico acerca do cinema e da filosofia buberiana para compreender as relações inter-humanas. Aplicando a metodologia descritiva de cunho analítico, apresenta o encontro prévio como uma etapa fundamental para a produção de documentários. Palavras-chave: documentário; atores sociais; relações inter-humanas.

Resumen: El trabajo tiene como objetivo presentar la importancia del encuentro previo entre documentalistas y actores sociales para la realización de películas documentales. Para ello, utiliza un recorrido bibliográfico sobre cine y filosofía de Martin Buber para comprender las relaciones interhumanas. Aplicando la metodología analítica descriptiva, presenta el encuentro previo como una etapa fundamental para la producción de documentales. Palabras clave: documental; actores sociales; relaciones interhumanas.

Abstract: This paper aims to present the importance of the prior meeting between documentary filmmakers and social actors for the production of documentary films. To this end, it uses a bibliographical survey on cinema and Martin Buber's philosophy to understand inter-human relations. Applying the descriptive methodology of an analytical nature, it presents the prior meeting as a fundamental step for the production of documentaries. Keywords: documentary; social actors; inter-human relations.

Résumé : Notre travail vise à présenter l'importance de la rencontre préalable entre documentaristes et acteurs sociaux pour la réalisation de films documentaires. Pour cela, il utilise une enquête bibliographique sur le cinéma et la philosophie de Martin Buber pour comprendre les relations interhumaines. En appliquant la méthodologie d'analyse descriptive, il présente la réunion préliminaire comme une étape fondamentale pour la production de documentaires.

Mots-clés : documentaire ; acteurs sociaux ; relations interhumaines.

* Universidade de Sorocaba (Uniso), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. 18023-000, Sorocaba (SP), Brasil. E-mail: thifanipostali@gmail.com

Introdução

Por mais que os documentários carreguem a intenção de abordar, em muitos casos, situações sociais, é importante ressaltar que eles são produzidos por pessoas, e por isso podem apresentar com mais ou menos magnitude as visões dos documentaristas sobre o tema que definiram ou foram designados a trabalhar. Para Nichols (2005: 30), os documentários “significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões”.

Ao longo da história do cinema documentário, os cineastas produziram filmes que contribuíram para uma visão generalista sobre o Outro. Isso porque, sem repertório prévio, partiram de visões particulares sem se aterem ao contexto das diferentes culturas representadas.

Tendo como ponto de partida essas considerações e sendo parte de proposições apresentadas em uma tese defendida em 2021, o trabalho tem como objetivo geral refletir sobre a relação entre documentaristas e atores sociais, com foco na importância do encontro que antecede a produção do filme. Adianto-me a indicar que a palavra *encontro* se refere à filosofia buberiana e significa o fenômeno que ocorre na relação respeitosa entre seres humanos. Para Buber (1982), uma relação pode ser superficial ou chegar ao *encontro* que requer respeito, reciprocidade e troca entre as partes envolvidas.

É importante ressaltar que as reflexões se referem às produções que têm como interesse abordar questões sociais e que, portanto, fazem uso de entrevistas e depoimentos de atores sociais.

A partir de levantamento bibliográfico, o trabalho utiliza teorias que envolvem as produções documentárias e a história desse gênero para refletir sobre a representação do Outro, com autores como Bill Nichols, Fernão Ramos e Marcius Freire. Para compreender as relações inter-humanas e a ética, se apropria da filosofia buberiana. Ao aplicar a metodologia descritiva de cunho analítico, apresenta o encontro prévio como uma etapa fundamental para a produção de documentários éticos.

Documentário e a representação do Outro

Documentários são narrativas midiáticas que prometem asserções sobre o mundo histórico, embora possam carregar conteúdos ideológicos diversos, a depender da intenção e/ou do ponto de quem os realiza. Ramos (2013: 33) ressaltava que o reconhecimento sobre as diferenças entre as narrativas de ficção e o documentário possibilita a cobrança e a análise dele a partir da dimensão ética, considerando a ética como “um conjunto de valores, coerentes entre si, que fornece a visão de mundo que sustenta a valoração da intervenção do sujeito nesse mundo”. Posto assim, diferentemente da ficção – uma narrativa inventada a partir da criatividade do sujeito –, o documentário promete aos espectadores fragmentos de realidade, o que já supõe

uma postura ética de quem o produz. Aqui, adianto que a ideia de ética se apoia em Buber (1982), para quem a ética se dá na postura respeitosa, na relação dialógica entre seres humanos e também entre seres humanos para com as coisas do mundo.

Com relação à postura do documentarista diante dos fragmentos do mundo, Freire (2011) ressalta que foi apenas no final do século XX que a produção de filmes documentários teve um aumento significativo, tornando a ética uma das questões mais fervorosas entre as discussões sobre o filme de não ficção. Ocorre que esse tipo de narrativa, desde suas origens, buscou representar o exótico, o inédito ao público para o qual se almejava ser exibido. O autor chama a atenção para o fato de que muitas dessas produções ultrapassaram - e ultrapassam - os limites entre o que deve ser aceitável mostrar do Outro e o que deve ser encarado como pura invasão de privacidade revestida ou disfarçada pelo discurso de tratamento artístico ou científico.

Freire (2011) ainda esclarece que a ultrapassagem dos limites éticos tem impacto direto na forma como os espectadores percebem as narrativas midiáticas. Ao se referir ao uso exagerado das representações de fatos que ocorrem no âmbito do privado, como os *reality shows* televisivos e os programas que apresentam cirurgias plásticas em seus detalhes, o autor lembra que a transformação do privado em espetáculo faz com que as pessoas se habituem a receber imagens de âmbito particular, o que confunde o espectador sobre o que deve ser considerado público ou não. Assim, essas produções acabam influenciando outras narrativas midiáticas que têm o mundo histórico como matéria-prima de seus textos, como o jornalismo ou o próprio documentário, uma vez que a leitura da vida social, de modo geral, não escapa às representações do privado e do público.

De acordo com Freire (2011), a história do cinema documentário sempre esteve relacionada com uma abordagem generalista. O autor lembra que no final do século XIX, surgiu o gênero “exótica”, resultante da produção cinematográfica dos irmãos Lumière sobre a cultura dos povos das antigas colônias da França, e depois vieram os chamados “filmes mundo”, que tinham como objetivo o apelo ao incomum. No artigo *Fronteiras imprecisas: o documentário antropológico entre a exploração e a representação do outro*, Freire (2005) relata que *Mondo Cane* (1962), dirigido por Gualtiero Jacopetti e Franco Proserpi, foi construído como um relato de viagem, mas dando ênfase aos costumes mais distantes da cultura ocidental existentes na África. Segundo o autor, o continente é representado como um cenário de barbaridades cometidas contra diversos animais, cenas destituídas de seus significados culturais.

Assim, a história do filme documentário está estritamente relacionada com a exploração do exótico. Parece haver certa tendência a tratar o Outro de modo fragmentado, com elementos extraordinários aos olhos do documentarista e do público para o qual almeja exibir o seu trabalho. Há, nesse contexto, a produção da identidade estereotipada, ou seja, daquele que não possui reciprocidade com a cultura do documentarista. Por esse motivo, refletir sobre a ética é fundamental para as discussões sobre documentários que têm no Outro a sua razão de produção.

Em quase todas as instâncias sociais, a ética se faz presente, especialmente na contemporaneidade, cujas diversidades existentes nos ambientes sociais parecem provocar ainda mais discursos com vieses de intolerância sobre culturas e grupos

considerados minoritários (ou excluídos). Sendo elemento comum na vida humana, o cinema documentário pode contribuir tanto para a produção de discursos intolerantes como para a reflexão e compreensão sobre os grupos diversos. Por isso, entender a ética a partir das colocações de Buber (1982) se torna fundamental, visto que o discurso da moral¹ como modelo social, ideia que seja universal a uma determinada sociedade, já não cabe mais, considerando que as sociedades se encontram em meio a uma pluralidade de culturas e valores. A ética, portanto, é compreendida como uma postura de respeito com o Outro e tem como objetivo a reflexão sobre o comportamento humano, seja a partir das regras estabelecidas e que precisam ser problematizadas diante das sociedades múltiplas, ou da reflexão sobre novas formas de convivência que não implicam em regras engessadas, autoritárias e exclusivas.

De acordo com Buber (1982), o *habitat* natural do ser humano é composto pela relação entre as pessoas, e o ser humano foi violentamente sequestrado de sua natureza, seu *habitat*. Isso porque a modernidade criou uma pedagogia que potencializa o individualismo ou o coletivismo, situações que para o autor ofuscam a percepção do indivíduo sobre si enquanto pessoa. Assim, a filosofia buberiana tem, no existir humano, sua reflexão, considerando que os padrões sociais dominantes reduziram os seres humanos a conceitos, desconsiderando-os em suas singularidades. Suas discussões, portanto, se opõem à ideia de ética a partir de padrões universais e se apoiam na crença de que a ética existe na resposta autêntica dos indivíduos às indagações dos Outros e na reflexão sobre si.

Buber (2007) afirma que devemos evitar descrever ou pensar os seres humanos partindo de conceitos, reduzindo-os a coisas, pois a generalização dos conceitos acaba afastando o ser humano de sua essência, que é autêntica de cada indivíduo. O autor denomina ética dialógica o fenômeno ocorrido quando há a relação essencial entre as pessoas ou, como chama, a relação inter-humana. Pensando as produções midiáticas e suas generalizações, é possível deduzir que boa parte das narrativas dominantes – até o presente – tratam o Outro destituído de sua essência, o que contribui para a produção de identidades estereotipadas. A representação generalista, portanto, é uma representação ausente de ética.

Posto assim, a ética se dá na relação do ser humano com o mundo a partir de sua responsabilidade pessoal, resultante de uma postura honesta. Para Buber (2007), a verdadeira vida ocorre com o encontro existencial: quando a postura ética possibilita a vinculação entre os seres por meio do diálogo. Deste modo, a chave para a ética está na responsabilidade com o Outro, no reconhecimento do Outro como caminho e, portanto, no encontro. O diálogo ocorre quando uma pessoa se dirige a Outra de forma autêntica, assumindo-a em suas especificidades. Portanto, vê-se o

1. A moral se refere ao conjunto de normas estabelecidas a partir das tradições, ou seja, nas palavras de Droit (2012: 18), “especializou-se mais ou menos no sentido daquilo que é transmitido, como código de comportamento e juízos já construídos, mais ou menos cristalizados [...] parece constituir um conjunto fixo e acabado de normas e regras”. Já o termo ética, para o autor, atualmente é empregado para a reflexão sobre as regras de comportamentos que estão por ser construídas, de acordo com as relações sociais.

Outro como Tu e não como Isso, propiciando uma relação de respeito às diferenças, entendendo as singularidades dos seres como algo essencial da vida humana. Nesse sentido, a ética encontra-se na relação entre o Eu e o Tu (Buber, 2007).

Para Buber (1982), o ser humano pode estabelecer contatos com o mundo de forma ética ou não ética. A vinculação com o mundo se dá por meio das palavras Tu e Isso, princípios da humanidade. A palavra Eu-Tu revela uma relação de reciprocidade, de respeito, que vê no Outro alguém singular e complementar. Nessa relação, há a contemplação da experiência que oferece a troca entre o Eu e o Tu. Desse modo, o Tu se manifesta de maneira não classificável, como aquele que respectivamente exerce e recebe a ação, sendo o princípio e o fim do evento da relação. Já a palavra Eu-Isso revela uma relação de separação. O Isso é o Outro, distante de mim, classificável. O Isso são as coisas da vida classificadas, é o mundo da cultura criada pelo ser humano, e de acordo com o autor, o mundo ordenado não constitui a ordem do próprio mundo, apesar de não conseguirmos viver sem ordem. Nas palavras de Buber (1974: 39), “o homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com Isso não é homem”.

Para melhor especificar essas relações, discorrer-se-á sobre dois conceitos também apresentados por Buber (1974). Segundo o autor, há duas dimensões passíveis de serem identificadas nos seres humanos quando consideramos suas relações com o mundo e suas coisas: a pessoa e o egótico. A pessoa é o indivíduo que tem consciência de si como participante do mundo, é aberta à relação com o Outro. Percebe-se como um ser-com, contemplando o seu si-mesmo. Buber (1974) assimila a palavra pessoa à relação Eu-Tu, ou seja, o indivíduo que possui a postura ética, valorizando a participação e a relação respeitosa com o mundo. Com relação ao egótico, indica que é o indivíduo egoísta, fechado, que se afasta dos outros e se distancia do Ser. Nesse sentido, o egótico é individualista e não possui a atualidade que se dá na relação Eu-Tu, contrapondo-se ao Outro. Ele se alimenta apropriando-se ao máximo das coisas ordenadas do mundo, o que, segundo o autor, provoca sua estagnação, sendo apenas um ponto funcional, sem substância alguma. Em comparação aos dois indivíduos, Buber (1974: 75) esclarece:

A pessoa toma consciência de si como participante do ser, como um ser-com, como um ente. O egótico toma consciência de si como um *ente-que-é-assim* e não de outro modo. A pessoa diz: “Eu sou”, o egótico diz: ‘eu sou assim’. “Conhece-te a ti mesmo” para a pessoa significa: conhece-te como ser; para o egótico: conhece o teu modo de ser. [...] A pessoa contempla o seu si-mesmo, enquanto o egótico ocupa-se com o “meu”: minha espécie, minha raça, meu agir, meu gênio.

Cabe ressaltar que o autor não pensa esses conceitos como invariáveis, uma vez que nos chama a atenção para o fato de que nenhum indivíduo é puramente pessoa ou egótico, mas que existem dimensões preponderantes, passíveis de serem identificadas nos seres humanos. Diante dessas colocações, dirigir-se ao Outro como Tu (ação da pessoa) provoca a reciprocidade, está para a ética e promove o diálogo, ao

passo que se dirigir ao Outro como Isso (ação do egótico) resulta em um posicionamento sem reciprocidade, transformando o fenômeno em monólogo. O Tu, portanto, percorre o caminho do risco, do novo, da descoberta, enquanto o Isso propicia apenas a segurança do mundo, sem o dever ético.

Compreende-se que o diálogo só ocorre por meio da verdadeira comunicação. Para Buber (1982), a comunicação não se expressa por falares, sons ou gestos, mas pela presença do ser, ou seja, pela relação Eu-Tu. Essa relação possibilita a experiência do outro lado e a experiência do Outro sobre o Eu, resultando em uma troca que não visa abdicar as especificidades de ambos os sujeitos. O diálogo abordado por Buber (1982) assume posições de ação e passividade, pois pressupõe a aceitação, a doação para o Outro e a compreensão dele em suas especificidades, bem como propicia ao Tu a honestidade nas respostas, resultando na conversação. Assim, a conversação dialógica depende totalmente da maneira como o Eu se inclina para o diferente.

Na perspectiva de Buber (1982), o ser humano deve ser compreendido por meio de sua dualidade de Ser, ação da pessoa, e Parecer, ação do egótico. Pensando a sociedade plural como também local de discursos e ações de intolerância, muitos indivíduos buscam se ligar aos discursos dominantes na intenção de serem aceitos socialmente. É a partir desse fenômeno que Buber (1982) se refere ao sequestro de seu *habitat* natural, pois o indivíduo se distancia de sua essência em função da aceitação social, pautada na aparência. Em contrapartida, a vida no Ser possibilita a vivência do que é verdadeiro: a superação dos discursos dominantes pautados na aparência. Posto assim, a comunicação dialógica propicia uma relação autêntica, caracterizada pela troca entre Seres que expressam suas intenções, ou seja, agem honestamente de acordo com suas essências.

No entanto, o que se observa na atualidade é a ausência de diálogo em meio a tantas informações disponíveis nos variados meios de comunicação, incluindo a propagação de notícias falsas via canais digitais. Nesse sentido, as sociedades se encontram emaranhadas em uma infinidade de discursos egocêntricos que buscam sustentar suas visões fechadas sobre o mundo. Os grandes centros urbanos, lotados de diversidades, se assemelham com o mito bíblico da Torre de Babel. Nesse sentido, não é a variedade de línguas que impossibilita a comunicação entre os seres humanos, mas a multiplicidade de discursos isolados e individualistas, que em meio aos discursos dominantes, acabam por dificultar a vida em sociedade voltada para a ética que ocorre com a comunicação dialógica. Diante desse contexto, os “media” podem contribuir para que ocorram mais relações inter-humanas ou servir como mecanismos de manutenção para os discursos dominantes. Sendo o documentário uma produção que promete asserções sobre o mundo histórico, seu compromisso com a ética se torna ainda mais relevante. Por outro lado, a produção dependerá do repertório cultural, postura ética e intenção do documentarista.

Viu-se que a ética dialógica ocorre através da relação respeitosa da pessoa com o mundo e suas coisas, e que o discurso apenas reproduzido (ordenação das coisas) e o olhar limitado sobre o mundo ocorrem através do indivíduo egótico. Participar de um evento discursivo é receber a informação de forma fechada, sendo que o Outro

se posiciona de maneira passiva, tornando-se objeto, um Isso. Já na participação de um evento dialógico, o Outro se torna também agente transformador de novas informações e experiências, ocupando uma posição ativa.

Essas colocações possibilitam observar se os filmes documentários são decorrentes de eventos dialógicos ou discursivos, de acordo com a relação estabelecida entre documentaristas e atores sociais, além das técnicas cinematográficas selecionadas. É por meio da relação *Eu- Tu* que ocorrem alteridades. Aqui, a alteridade é a ação de se colocar no lugar da outra pessoa, buscando compreender a ela e às coisas do mundo.

Para Buber (1982), a alteridade se dá na conversação, no ato de responder de forma genuína quando a palavra é dirigida. Para o autor, a conversação genuína ocorre quando os participantes trazem a si mesmos para ela, ou seja, quando estão preparados para dizer o que verdadeiramente têm em mente. Assim, a alteridade está totalmente atrelada à sinceridade e ao respeito, decorrentes da ética dialógica, promotora da troca. Essa atitude, segundo Buber (1982), pressupõe uma verdade que permite se voltar para o Outro, confirmando e aceitando as suas especificidades.

Segundo Nichols (2005), as questões éticas no cinema surgem quando há a pergunta sobre como tratar as pessoas a serem filmadas. Diferentemente dos filmes de ficção, cujos papéis já são determinados pelos diretores e os atores aceitam ou não os interpretar, os documentários lidam com pessoas em seus cotidianos, extraindo fragmentos de suas realidades, o que faz com que a responsabilidade do diretor desse gênero seja bem maior. Assim, defende-se o encontro prévio como uma parte fundamental para a produção de documentários éticos.

O encontro prévio entre documentaristas e atores sociais

Sabe-se que a preparação para a produção de um documentário possui suas singularidades, uma vez que o processo de filmagem poderá oferecer inúmeras situações não previstas, especialmente quando o recorte não for de domínio do documentarista. Logo, o choque entre culturas será inevitável, o que exigirá do documentarista a postura responsável. Para tanto, indico que o encontro prévio deverá ter como foco o estabelecimento do encontro dialógico.

O encontro dialógico retoma as ideias de Martin Buber (1982), que reflete as relações inter-humanas e seus possíveis resultados. Para ele, há diferenças fundamentais entre as palavras relação e encontro. O encontro só ocorre quando um sujeito se endereça ao outro como *Tu*, ao passo que a relação existe de maneira menos significativa, podendo o sujeito permanecer no contato do *Eu* com *Isso*, o que remete ao distanciamento entre as partes. Posto assim, a relação precede o encontro, e não o contrário, tornando o contato mais significativo a ponto de o sujeito se referir ao outro como *Tu*. Essa relação se efetiva na comunicação dialógica, ocorrida na reciprocidade, na troca de informações entre sujeitos dispostos a interagir.

Nesse sentido, considero a comunicação como um fenômeno de troca de informações entre seres humanos que, quando ocorre de forma autêntica, pode resultar em novas ideias sobre as coisas do mundo. Portanto, a comunicação humana é o re-

sultado da ética dialógica que ocorre quando indivíduos interagem de modo responsável, estabelecendo uma relação *Eu-Tu*. Como sugere Buber (1982), quando essa relação se efetiva, o ser humano volta para o seu *habitat* natural, que é a interação dialógica entre indivíduos.

Assim, acredito que a relação harmoniosa ocorre quando ambas as partes entendem sobre a importância da ética dialógica, mesmo quando as ideias são conflitantes. Creio que é fundamental que os indivíduos percebam que os discursos divergentes podem servir como conteúdos fundamentais para o entendimento sobre a vida em sociedade criando assim novas reflexões e possibilidades para transformações sociais.

Com relação ao filme documentário e partindo do pressuposto de que o documentarista já conhece o tema que escolheu ou foi designado a trabalhar, seguindo o que chamo de conhecimento prévio,² proponho que o documentarista que tem como intenção abordar questões sociais de forma ética, busque alcançar a relação de reciprocidade, confiança com os atores sociais, ou seja, a relação *Eu-Tu*.

Desde modo, a primeira relação com o Outro deve levar em consideração alguns cuidados para que o fenômeno de reciprocidade ocorra sem tantos empecilhos. Para tanto, apoio que a primeira relação não deve apresentar equipamentos cinematográficos ou outros de gravação de imagens ou som, uma vez que a presença dos aparatos tecnológicos tende a mudar o comportamento dos indivíduos, inclusive colocando o documentarista ainda mais em posição de superioridade.

Ao se referir às relações durante a fase preliminar, France (1998) ressalta que a inserção é fundamental para a aceitação do documentarista pelos atores sociais. Em suas palavras:

[...] esta inserção consiste em fazer-se aceitar pelas pessoas filmadas – com ou sem câmera – e em convencê-las da importância de colaborar tanto na realização do filme quanto no aprofundamento da pesquisa. Isto significa que a originalidade e o êxito da fase de inserção devem-se principalmente à qualidade moral e psicológica dos vínculos que venham a se estabelecer entre cineasta e pessoas filmadas. (France, 1998: 344).

Apesar de a autora dizer que essa etapa pode ocorrer com ou sem o uso da câmera, reforço que o ideal para o estabelecimento de um encontro autêntico é a ausência da câmera no primeiro momento, visto que os aparatos tecnológicos, em muitos casos, podem inibir ou mudar o comportamento de sujeitos. Sobre esse as-

2. O documentarista deve conhecer o máximo que puder sobre o assunto que escolheu ou foi designado a trabalhar. Seu ponto inicial é a busca por informações através de pesquisa exploratória, em seus diversos meios, para contextualizar o tema. Esta ação pode melhor conduzi-lo sobre possíveis caminhos a serem tomados ou muni-lo sobre situações que podem ser encontradas e trabalhadas durante as filmagens. Cabe ressaltar que essa etapa não requer que o documentarista ocupe o papel de cientista investigando a partir de metodologias, mas sim conduzi-lo para a postura responsável tendo uma base razoável de conteúdos para que possa traçar um diálogo ético, respeitoso com os atores sociais.

pecto, Freire (2011) cita o filme *Titicut Follies*, que apresenta o comportamento pró-fílmico adotado pelos guardas de uma prisão ao perceberem a presença da câmera cinematográfica.

Já com relação à postura do documentarista, Rouch (1978 *apud* Freire, 2011: 248), em entrevista para Dan Yakir, revela que, quando segura uma câmera e um microfone, não se sente mais a mesma pessoa, encontra-se em um estado estranho que chama de “cine-transe”. Ao referir-se ao cinema verdade, ele declara que ocorre a *galáxia audiovisual*, ou seja, uma nova verdade que se dá por meio das relações estabelecidas durante a produção do filme e que nada teria a ver com a realidade normal. Essa nova relação, ao que parece, é influenciada também pelo uso dos aparatos tecnológicos.

A partir dessas colocações, acredito que o uso dos equipamentos cinematográficos deve ser evitado na primeira etapa do encontro prévio, pois ele, de certo modo, inseriria tanto o documentarista quanto os atores sociais na *galáxia audiovisual* citada por Rouch (1978 *apud* Freire, 2011) antes mesmo do estabelecimento da ética dialógica. Para isso, retomo Buber (1982), para quem a ética dialógica ocorre quando há relação essencial entre seres humanos, ou seja, a inserção dos indivíduos em outro universo acabaria os distanciando ainda mais da possibilidade de chegar ao *habitat* natural, que é a relação essencial entre as pessoas.

Assim, defendo que a primeira interação com os possíveis atores sociais deve ocorrer o mais próximo possível da relação que se estabelece no cotidiano dos indivíduos, para que o ator social se sinta à vontade com o documentarista. A intenção do encontro prévio é a aproximação dos sujeitos, de forma que a experiência ofereça conhecimentos suficientes para o documentarista ter maior desenvoltura e responsabilidade na hora de captar e editar as imagens do Outro. Com relação a tal processo, Freire (2007) destaca que o encontro é determinante para o resultado do filme, de modo que as relações podem resultar em sucesso ou fracasso da narrativa. Posto isto, acredito que muitos dos filmes documentários que abordam questões sociais, quando trabalham a partir da postura egótica do documentarista (Eu-Isso), não chegam a estabelecer a ética dialógica, o que resulta em uma narrativa fechada e pautada no olhar do realizador. Assim, acredito que as situações que envolvem as relações inter-humanas devem ser mais bem esclarecidas no cinema que pretende abordar questões sociais, não somente como uma etapa da fase preliminar, mas uma ação fundamental que determinará o desenrolar do documentário.

Com relação à fase preliminar, France (1998) afirma que existe uma prática fundamental nem sempre vista na tela: a aproximação entre documentarista e sujeitos com a finalidade de aprender com eles e captar aquilo que necessita para a realização do filme, como identificação de informantes, entrevistas, a observação imediata sobre os sujeitos e ambientes, levantamento de hipóteses *etc.*, ou seja, é um momento de decisões. Além das considerações de France (1998), acrescento que essa fase deve estar focada, especialmente, nas relações inter-humanas a fim de alcançar o encontro dialógico com os indivíduos dispostos a participar do filme.

Ao se referir aos documentários de cunho antropológico, Freire (2007) lembra que eles deveriam se traduzir na busca de um encontro dialógico, todavia muitos documentários resultam apenas de um contato breve que não alcança esse estágio, o que prejudica o resultado final.

Tal é o caso de muitos filmes, documentários/reportagens cujos realizadores fazem um sobrevoo rápido pelas culturas ou por aspectos de uma determinada cultura que querem observar. Registram esses aspectos, voltam para a moviola ou ilha de edição, para ser mais atual – e dão forma final ao filme. (Freire, 2007: 22).

Posto assim, a primeira relação deve ser pensada como essencial, de modo que o documentarista adquira uma experiência capaz de revelar as aspirações daquele que será filmado em negociação com o que almeja apresentar. Ou seja, trata-se de uma prévia fundamental para o ato de filmagem ocorrer de maneira mais consciente, tanto por parte do documentarista, que dominará o conteúdo com mais segurança e responsabilidade, quanto do ator social que saberá claramente o seu papel e contribuição no filme. Por esse motivo, a interação entre documentarista e atores sociais deve resultar no encontro dialógico, chave fundamental para a produção de documentários sobre questões sociais.

Sugiro que esse primeiro contato soe como uma relação mais próxima da natural, na qual seres humanos se relacionam para, primeiro conhecerem-se uns aos outros, ponto fundamental para o estabelecimento de uma relação respeitosa. Entendo que o processo demandaria mais tempo e disposição do documentarista, mas acredito que só assim se alcançaria uma relação passível de se tornar encontro. Por esse motivo, creio que o documentarista é a pessoa que deve assumir todos os contatos com os atores sociais, da seleção às entrevistas e demais possibilidades de contato.

Para melhor esclarecer, utilizarei, como exemplo, a metodologia de Eduardo Coutinho aplicada em muitos de seus filmes. Cabe ressaltar que reconheço que a metodologia dele é importante para o cinema documentário brasileiro, por isso não pretendo apontar lacunas em suas produções, mas refletir as relações entre documentaristas e atores sociais.

Em muitos casos, eram membros da equipe de Eduardo Coutinho que realizavam as pré-entrevistas com os possíveis atores sociais. O diretor, por sua vez, se apresentava durante as filmagens. Pensando essa metodologia a partir de minhas colocações, entendo que talvez a relação entre documentarista e atores sociais não atingia o encontro dialógico durante a produção fílmica, pelo menos da forma como estou pensando, pois, o primeiro contato se dava já com o uso dos aparatos tecnológicos e a relação com um estranho que conduz a conversa. Acredito que esse processo pode dificultar a chegada ao encontro, uma vez que o documentarista pode ser interpretado pelos atores sociais como alguém mais importante, o que pode alterar a postura deles diante do realizador. Creio que Coutinho, com essa metodologia,

explícita em seus filmes o estabelecimento de sua relação com os atores sociais, apresentando aos espectadores relações que podem ser marcadas por dificuldades quando se considera a intenção do encontro dialógico.

Essas questões são passíveis de serem observadas no filme *Boca de Lixo* (1992), de Eduardo Coutinho, sobre a rotina de pessoas que sobreviviam do lixo despejado em um lixão de Itaoca, a 40 km do Rio de Janeiro - Brasil. No início do documentário, as pessoas tratam Coutinho com certa frieza e até agressividade. Parecem indispostas a participar do filme como vozes da experiência, apesar de terem aceitado, previamente, a participação. Estão claramente desconfiadas das intenções do documentarista. Mentem, deixam de responder alguns questionamentos, escondem-se das câmeras em diversas situações de miséria.

Ao longo do filme, é representada a forma como Coutinho conquista a confiança dessas pessoas, sendo que ao final, revela uma relação mais próxima. Essa trajetória fica evidente na abordagem de uma jovem que no início do filme diz se utilizar do lixo para alimentar os porcos, e ao final, permite que o documentarista visite a sua casa assumindo utilizar parte do lixo para alimentar a família. Em uma das cenas, Coutinho revela inclusive os mecanismos que estabeleceu para que os atores sociais sentissem confiança nele, quando distribuiu fotografias deles, o que foi recebido de forma positiva.

No entanto, em geral, parece que o diretor constitui apenas uma relação com os atores sociais, não chegando ao encontro. O filme termina quando ele consegue quebrar um pouco da barreira com alguns deles, quando se aproxima do estabelecimento da ética dialógica, mas não a alcança. Assim, Coutinho nos apresenta, em *Boca de Lixo*, etapas de sua relação com os atores sociais, contando-nos como a aproximação com o Outro, muitas vezes, pode ser complexa. Nesse sentido, a relação de proximidade ocorre durante o filme de Coutinho, e não antes das filmagens, como estou propondo. Se assim o fosse, as filmagens iniciariam a partir do conteúdo apresentado no final da narrativa de *Boca de Lixo*, ou seja, quando a relação de confiança é estabelecida.

É importante destacar que a metodologia de Coutinho envolve a intenção de que os atores sociais sejam protagonistas de suas próprias histórias, portanto, ele os deixa participar da forma como querem, pouco se importando se há veracidade nos discursos. E essa é a excelência das obras do documentarista. *Boca de Lixo* nos serve como objeto de análise sobre formas de aproximação entre documentaristas e atores sociais.

Por isso sustento a importância da primeira relação, para que os atores sociais tenham plena consciência de seus papéis no filme e não assumam uma postura de desconfiança ou deslocada das intenções do documentarista. Com a relação de confiança estabelecida, na qual cada um sabe a intenção do outro, creio que o significado de poder atribuído aos aparatos tecnológicos e ao documentarista diminui. Isso não significa que os atores sociais não possam assumir uma postura pró-fílmica ou não ocorra a entrada para o que Rouch (1978 *apud* Freire, 2011) chama de *galáxia audiovisual*. Entendo, que com a primeira relação, a entrada para esse universo seria menos distante da realidade, pois ambos estariam conscientes da intenção do filme.

Outra metodologia útil para pensar as relações entre documentaristas e atores sociais é a aplicada por Edgar Morin e Jean Rouch em *Chronique d'un Été* (1960), uma produção filmica que segundo Freire (2011) tem seu foco justamente na relação entre indivíduos: presença, reciprocidade e encontro. Na ocasião, Morin usou o que chamou de comensalidade, ou seja, a reunião de pessoas em ambientes de seus cotidianos para a realização de boas refeições regadas a vinho. O sociólogo aplicou essa estratégia com a finalidade de fazer com que os atores sociais se sentissem mais à vontade em seus ambientes, tanto que o uso dos aparatos tecnológicos, como câmeras e instrumentos de áudio, só era requisitado quando os diretores sentiam que as pessoas haviam chegado ao ponto da reciprocidade.

Acredito que tal ponto ocorre quando a relação atinge o encontro, em que as partes chegam a uma forma de interação com confiança, alcançando a ética dialógica. Essa situação de interação, na qual o *Eu* se refere ao Outro como *Tu*, pode ser também verificada quando Morin revela que por algumas vezes tanto os diretores como a equipe se esqueciam de ligar os aparelhos, pois se encontravam totalmente envolvidos com os atores sociais.

Em *Chronique d'un Été*, ainda devemos levar em consideração dois pontos fundamentais: a metodologia aplicada e o fato de Edgar Morin ser um sociólogo renomado, tendo conhecimentos sobre os problemas e situações encontradas na vida da sociedade francesa. Por isso, posso arriscar a dizer que a relação com os atores sociais se transformou em encontro dialógico pelo fato de o *Eu* – neste caso, Edgar Morin – possuir conhecimentos prévios sobre os temas dialogados com os atores sociais e as metodologias adotadas para os encontros.

Posto assim, parece acertado afirmar que o documentarista deve ter conhecimento sobre o assunto que escolheu ou foi designado a abordar para que o repertório facilite sua relação com os atores sociais. No entanto, sabe-se que, em muitos casos, não é possível reproduzir a metodologia da comensalidade como exatamente propuseram Morin e Rouch, mas pode-se valer em parte dela. Sustento que a interação entre documentarista e atores sociais deve ocorrer nos espaços dos últimos, e se possível, em locais indicados por eles mesmos e adequados para as gravações, o que deverá ser avaliado pelo documentarista. A escolha dos locais pode conferir a eles, além de segurança, a participação mais significativa na construção da narrativa, ainda que limitada.

A partir do exposto, ressalto que o encontro prévio é uma forma de permitir que o documentarista tenha maior preparo para não representar o Outro de forma estereotipada ou até mesmo romântica, no escopo de uma ética de preocupação social e empatia caridosa (Nichols, 2005). Ao contrário, o encontro prévio, quando bem executado, pode colocar o Outro na mesma posição de poder que o documentarista, apresentando suas especificidades, sua voz, assim, oferecendo a ela ou a ele o lugar de pessoa ativa, e não passiva, como ocorre na maioria das produções.

Considerações finais

O artigo buscou refletir sobre a importância do encontro prévio entre documentaristas e atores sociais, para que a produção de filmes que tenham como interesse a abordagem de cunho social, o realizem de modo ético. Para tanto, apresentou-se que o documentarista deve dominar parte do conteúdo que pretende filmar para não cair na armadilha de reproduzir seu repertório ideológico ou apenas o do Outro, como ocorre com frequência nas produções documentárias.

O encontro prévio é apresentado como uma chave fundamental para a produção de filmes que abordam questões sociais. Nesse sentido, o primeiro contato com os atores sociais deve ser livre dos aparatos técnicos para que se estabeleça uma relação genuína e de confiança entre documentaristas e atores sociais. Nele, o realizador deve esclarecer aos atores sociais sua intenção com o filme e a importância deles como vozes da experiência, como indivíduos que possuem discursos, muitas vezes, divergentes dos apresentados pelo documentarista ou outras esferas sociais e que, portanto, são perspectivas fundamentais para o documentário e para a compreensão da vida em sociedade.

O objetivo do encontro prévio é o estabelecimento de uma relação de confiança, em que diferentes indivíduos se respeitam. É o estabelecimento do encontro dialógico que será fundamental para o resultado do filme. Assim, este trabalho intenciona contribuir para as reflexões e produções de filmes que visam representar a sociedade de forma ética.

Referências bibliográficas

- Buber, M. (1974). *Eu e Tu*. Moraes.
- Buber, M. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. Perspectiva.
- Droit, R-P. (2012). *Ética: uma primeira conversa*. Editora WMF Martins Fontes.
- France, C. (1998). *Cinema e antropologia*. Campinas: Unicamp.
- Freire M. (2011). *Documentário: ética, estética e formas de representação*. Annablume.
- Freire, M. (2007). Relação, encontro e reciprocidade: algumas reflexões sobre a ética no cinema documentário contemporâneo. *Galáxia*, 14 (p. 13-28).
- Gauthier, G. (2011). *O documentário: um outro cinema*. Papirus.
- Morin, E. (2003). Crônica de um filme. In: Rouch, Jean. *Ciné Éthnography*. University of Minnesota Press.
- Nichols, B. (2005b). *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papirus.
- Ramos, F. P. (2013). *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* Editora Senac São Paulo.

Filmografia

- Boca de Lixo* (1993), de Eduardo Coutinho.
- Chronique d'un Été* (1961), de Jean Rouch, Edgar Morin.